JOVENS MULHERES: MOTIVOS DO ABANDONO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM DUAS ESCOLAS DO ESTADO DE MATO GROSSO

YOUNG WOMEN: REASONS FOR SCHOOL DROPOUT IN YOUTH AND ADULT EDUCATION IN TWO SCHOOLS IN THE STATE OF MATO GROSSO

MUJERES JÓVENES: MOTIVOS DE LA DESERCIÓN ESCOLAR EN LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS EN DOS ESCUELAS DEL ESTADO DE MATO GROSSO

Enerci Candido Gomes

Mestre em Ensino (UNIC/IFMT)
Docente da Secretária de Estado de
educação de Mato Grosso
(SEDUC/MT)
candidoenerci@yahoo.com.br

Maria das Graças Campos

Doutora em Políticas Públicas e
Formação Humana pela
Universidade do Estado do Rio de
Janeiro (UERJ)
mdgcampos@uol.com.br

Maria Geni Pereira Bilio

Mestre em Ensino (UNIC/IFMT)
Docente da Prefeitura Municipal
de Várzea Grande-Mato Grosso
genibilioprofessora@gmail.com

Nair Mendes de Oliveira

Mestre em Ensino (UNIC/IFMT)
Servidora efetiva do Instituto
Federal de Mato Grosso (IFMT)
nair.oliveira@ifmt.edu.br

Resumo

O artigo tem por objetivo abordar as questões relativas ao abandono escolar na modalidade da EJA – Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas do Estado de Mato Grosso. Para atender aos objetivos do estudo foi empregada a pesquisa qualitativa, com a utilização de fontes bibliográficas, documental e a história oral. O abandono escolar demarca a grande incidência de evasão que ocorre na EJA na perspectiva da educação noturna, em especial com as mulheres. Os registros documentais coletados nas duas unidades escolares legitimam a veracidade desse problema, cujo contexto epistêmico conta com o aporte teórico de pensadores que discutem o tema, como Heleieth Saffioti, Paul Thompson e outros, cujos trabalhos dão suporte para entender a dificuldade presente na trajetória de considerável parcela da sociedade, que busca a formação escolar como um direito social. A análise dos dados mediante instrumentos utilizados na pesquisa contribuiu para legitimar a existência do problema anunciado nesta produção, que denuncia o abandono escolar de jovens alunas da EJA.

Palavras-chave: Mulheres. Educação de Jovens e Adultos. Trajetória. Direito Social.

Recebido em: 8 de fevereiro de 2021.

Aprovado em: 29 de março de 2021.

Como citar esse artigo (ABNT):

GOMES, Enerci Candido *et al.* Jovens Mulheres: motivos do abandono escolar na Educação de Jovens e Adultos em duas escolas do estado de Mato Grosso. **Revista Prática Docente**, v. 6, n. 1, e015, 2021.

<http://doi.org/10.23926/RPD.2021.v6.n1.e015.id1038>

Abstract

The article aims to address issues related to school dropout in the EJA - Youth and Adult Education modality, in two schools in the State of Mato Grosso. To meet the objectives of the study, qualitative research was used, using bibliographic, documentary sources and oral history. School dropout marks the high incidence of dropout that occurs in EJA from the perspective of nightly education, especially with women. The documentary records collected in the two school units legitimize the veracity of this problem, whose epistemic context relies on the theoretical contribution of thinkers who discuss the theme, such as Heleieth Saffioti, Paul Thompson and others, whose works support to understand the difficulty present in the trajectory of considerable portion of society, which seeks school education as a social right. The analysis of the data using instruments used in the research contributed to legitimize the existence of the problem announced in this production, which denounces the school dropout of young students from EJA.

Keywords: Women. Youth and Adult Education. Trajectory. Social Law.

Resumen

El artículo tiene como objetivo abordar temas relacionados con la deserción escolar en la modalidad EJA - Educación de Jóvenes y Adultos, en dos escuelas del Estado de Mato Grosso. Para cumplir con los objetivos del estudio se utilizó la investigación cualitativa, utilizando fuentes bibliográficas, documentales e historia oral. La deserción escolar marca la alta incidencia de deserción que se da en EJA desde la perspectiva de la educación nocturna, especialmente con las mujeres. Los registros documentales recogidos en las dos unidades escolares legitiman la veracidad de esta problemática, cuyo contexto epistémico se apoya en el aporte teórico de pensadores que discuten el tema, como Heleieth Saffioti, Paul Thompson y otros, cuyos trabajos apoyan la comprensión de la dificultad presente en la trayectoria de una parte considerable de la sociedad, que busca la educación escolar como un derecho social. El análisis de los datos utilizando los instrumentos utilizados en la investigación contribuyó a legitimar la existencia del problema anunciado en esta producción, que denuncia el abandono escolar de los jóvenes estudiantes de EJA.

Palabras Clave: Mujeres. Educación de jóvenes y adultos. Trayectoria. Derecho social.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo refere-se a um recorte de pesquisa de mestrado desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade de Cuiabá -UNIC e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso –IFMT, PPGE UNIC/IFMT, cujo tema versou sobre “Jovens Mulheres na EJA: Reflexões e análises dos fatores que provocam o abandono e exclusão escolar”.

O abandono escolar caracteriza-se pelo afastamento do aluno, do sistema de ensino e desistência das atividades escolares, sem solicitar transferência, segundo Steimbach, (2012) ao fazer essa consideração sobre o termo abandono escolar. Já os processos de exclusão são complexos e multifacetados, que se efetivam de forma sutil e dialética, pois envolvem o homem por inteiro e suas relações com os outros, (SAWAIA, 2008).

O objetivo principal do estudo foi compreender os motivos pelos quais as jovens mulheres abandonaram a Educação de Jovens e Adultos (EJA), com vistas a oferecer subsídios para melhorar o entendimento das questões efetivas, relacionadas ao abandono escolar deste público.

No que se refere aos objetivos específicos, em um deles a pesquisa procurou estudar os registros e documentos dos alunos, para conhecer a atual situação do fenômeno do abandono escolar. As propostas pedagógicas foram analisadas, com o objetivo de identificar a existência de possíveis articulações com as características e peculiaridades da vida das jovens mulheres.

Outras questões que nortearam o estudo foram no sentido de estudar a estrutura física das escolas e as instalações das duas unidades escolares, ambientes desta pesquisa, bem como se as dinâmicas das atividades pedagógicas são adequadas à EJA.

Para tanto, foram consultadas obras de autores que versam sobre os temas abordados no estudo. Dentre estes podem ser citados: Chizzotti (1991); Arroyo (2005); Bourdieu (1999); Constituição Federal de 1988; Ferreira (2007); Saffioti (2013); Sauner (2002); Paiva (2011) e outros, como algumas legislações educacionais.

O problema da pesquisa esteve relacionado aos altos índices de abandono escolar e a questões inerentes ao trabalho das alunas, como maternidade, entre outras, que na maioria das vezes são colocados como motivos principais dessa evasão. Tal problemática motivou o questionamento: além das questões aqui colocadas, de quais seriam as implicações de fatores intraescolares que interferissem no abandono de jovens mulheres inseridas na modalidade de ensino EJA? Para responder a esse questionamento, buscou-se evidenciar as possíveis razões

por meio da análise de fontes documentais e orais em duas escolas públicas que ofertam a modalidade de ensino, sendo uma localizada em Cuiabá e outra em Várzea Grande, ambas no Estado de Mato Grosso.

O recorte da pesquisa levou em consideração os elevados índices de abandono escolar desse público específico de mulheres. Segundo os dados retratados neste artigo a um expressivo número de jovens mulheres, entre dezoito e vinte e cinco anos de idade que não concluíram o ensino médio e o predomínio de mulheres entre as que abandonaram a EJA é o que nos dá fundamentos para a análise que evidencie as principais razões, os motivos que as levam a abandonarem a escola, considerando também os aspectos intra e extraescolares, para que cujas respostas possam vir a subsidiar a formulação de políticas educacionais que auxiliem na superação desses altos índices de abandono escolar detectados. Para tanto há que se considerar situações que historicamente mostram as dificuldades de acesso dessas mulheres à educação formal, seja por exclusão social relacionada às questões de gênero, seja pela sobrecarga de trabalho que as envolve, agravado pela dupla jornada de trabalho.

A realidade assim como os dados da pesquisa evidencia que a maioria dessas mulheres tem um emprego fora de casa para suprir as necessidades básicas da família e ainda têm de dar conta dos afazeres domésticos Saffioti (2013). Tais informações que seguem fazem parte do delinear do estudo e a execução e o passo a passo do estudo, sempre calcado em bases teóricas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo da ideia de que a sociedade brasileira tem por base o patriarcado, a educação proposta para as mulheres esteve sempre ligada aos papéis sociais atribuídos a elas. Perrot (2007) assim descreve tal situação:

[...] cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seus lugares quase predeterminados, até em seus detalhes. Paralelamente existe um discurso dos ofícios que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis. (PERROT, 2007, p.178).

No contexto em que se insere o objeto de estudo relativo a esta pesquisa, pode-se observar que, além dos problemas familiares já identificados na fase anterior à realização do estudo, as jovens discentes que abandonam os estudos mesmo, antes de concluir o ensino médio, em geral enfrentam outras dificuldades que as impedem de conciliar os estudos com os demais afazeres. Neste sentido, a escola dificilmente consegue atender aos objetivos e preferências destas jovens. Nesse sentido, Paiva (2011) pontua a necessidade de políticas

públicas voltadas para o atendimento de jovens e adultos enquanto sujeitos com direitos a aprendizagem e conhecimentos, porém faz a seguinte reflexão:

Trançar políticas de direito com os sujeitos a quem são devidas estas políticas tem sido o desafio maior de gestores e de forças organizadas da sociedade, o que significa levar em conta saberes cotidianos, prévios, quase sempre ignorados pelos espaços escolares institucionalizados [...] (PAIVA, 2011, p. 15).

Historicamente, somente no final do século XVII se dá o início de atenção à necessidade educacional da mulher, de forma ainda restrita, mas importante. Nessa época, moças da camada senhorial buscavam instrução nos mosteiros de Portugal. [...] “Mesmo assim, a instrução formal, da leitura e da escrita, era oferecida juntamente com aulas de música, canto e órgão, e dos trabalhos domésticos (SAFFIOTI, 2013, p. 270)”.

Nesse sentido, a abertura de espaço para que a mulher conquistasse um posto de trabalho além das prendas domésticas caracterizou-se como mais um instrumento de discriminação entre os sexos. Assim, a ideia de que as funções da mulher como professora seria um prolongamento das funções maternas, com salários inferiores e ainda sua exclusão do ensino secundário, configurava mais uma vez a limitação às oportunidades de acesso ao conhecimento de forma igualitária pelo sexo feminino.

Na década de 1960, registra-se a contribuição de Paulo Freire e dos movimentos sociais para construir uma intensa e organizada alfabetização de adultos sem distinção de gênero. As campanhas de educação de adultos findaram-se no ano de 1963. E em seguida, o governo colocou nas mãos de Paulo Freire, a responsabilidade de criar um Programa Nacional de Alfabetização. Contudo, na vigência do golpe militar, todos esses planos foram frustrados com o exílio de Paulo Freire, e o governo militar lança o Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização

Para o Conselho Nacional de Educação (CNE), a EJA é uma modalidade do ensino fundamental e médio que possibilita recuperar anos de estudo a muitas pessoas que não tiveram acesso à educação formal em idade regular (BRASIL, 2008). Portanto, surge a oportunidade para jovens e adultos iniciar e/ou dar continuidade aos seus estudos, sendo, portanto, uma modalidade de ensino que visa garantir o direito daqueles que foram excluídos dos bancos escolares ou que não tiveram oportunidade de acessá-los.

Ainda que reconhecida pela Constituição como um direito garantido a toda pessoa humana, o estudo na EJA sempre enfrentou muitos desafios, uma vez que não basta apenas um grande número de matrículas, mas que esses jovens e adultos pudessem e tivessem condições

de prosseguir com seus estudos, sem interrupção antes de finalizar o ensino médio, fim da etapa da educação básica.

Segundo Freire (2008), a educação tem caráter permanente e contínuo, e o homem, um ser incompleto, inacabado por natureza, deve estar sempre em formação. Partindo desse pressuposto, é possível afirmar que não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. Em outras palavras, a aprendizagem contínua é inerente ao ser humano, portanto, “nunca é tarde para aprender”, pois, ratificando que, a Constituição Federal conduz essa afirmação, ao concordar, no seu art. 205, de que “toda e qualquer educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Esse parâmetro foi reafirmado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, art. 2º, quando se fala do conjunto das pessoas e dos educandos como “um universo de referência sem limitações”. A partir de então, a EJA tornou-se uma modalidade de ensino estratégica, que representa o esforço da Nação em prol da igualdade de acesso à educação como bem social. Esse direito constitucionalizado é cercado de mecanismos financeiros e jurídicos, quais sejam: LDB 9.394/96; Parecer CNE/CEB Nº11/2000; Resolução CNE/CEB Nº01/2000; Plano Nacional de Educação (Lei 10.172/01); Plano de Desenvolvimento da Educação e em compromissos e acordos internacionais.

Ressalta-se que a LDB 9.394/96 trata da EJA no Título V, capítulo II, como modalidade da educação básica, superando sua dimensão de ensino supletivo, regulamentando sua oferta a todos aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental.

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria [...]. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (LDB, 1996, ARTIGO 37, PARÁGRAFO 1º).

Do mesmo modo, o parágrafo 2º da mesma lei atribui ao Poder Público viabilizar e estimular o acesso e permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. Enfatizando que de acordo com a LDB 9.394/96 os alunos do EJA deverão ser atendidos no âmbito da Educação Básica, por meio da Diretoria de Políticas de Educação de Jovens e Adultos, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), que tem priorizado um processo amplo, democrático e participativo na construção de uma política pública de Estado para a EJA. Essas ações têm fortalecido e estreitado a parceria entre estados e governo federal, na busca pela ampliação e

melhoria da qualidade da EJA. Entretanto, verifica-se que um elevado número de jovens e adultos, mesmo tendo a oportunidade de retomar os estudos, não consegue concluir a educação básica.

A concepção de EJA, desde a realização da III CONFINTEA, esteve vinculada ao ideário da educação e aprendizagem ao longo da vida. A compreensão de Di Pierro (2008) é de que a concepção ampliada desse tipo de educação não encerra na escolarização. Assim, ao conceituar a educação e aprendizagem ao longo da vida, a autora a considera como uma educação que compreende “também aprendizagens realizadas de forma sistemática ou incidental nas mais diversas práticas sociais familiares, comunitárias, políticas, de trabalho, de informação, lazer ou fruição cultural” (DI PIERRO, 2008, p. 396).

Os conceitos a seguir nos faz compreender os motivos pelos quais os alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA abandonam a escola, faz necessário entender o conceito relativo ao fato. Por evasão, Riffel e Malacarne (2010) compreendem que diz respeito ao ato de evadir-se, fugir, abandonar; sair, desistir; não permanecer em algum lugar. Na prática, a evasão escolar, se configura como a fuga ou abandono da escola em função da necessidade de realização de outra atividade.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep (1998) faz a diferença entre abandono escolar e evasão escolar, sendo que “abandono”, para o INEP (1998), diz respeito à situação em que o aluno se desliga da escola, contudo, retorna no ano seguinte. Já a “evasão”, para o mesmo instituto, se configura quando o aluno sai da escola e não volta mais para o sistema escolar.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica/Ideb (2012) define o abandono escolar como sendo o afastamento do aluno do sistema de ensino e a desistência das atividades escolares, sem solicitar transferência. Steimbach (2012) e Pelissari (2012), por sua vez, utilizam o termo abandono escolar, por considerar a “evasão” um “ato solitário”, cuja responsabilidade é do aluno e também dos motivos externos ao seu afastamento. Ferreira (2013) denomina fracasso das relações sociais, que se expressa na realidade desumana que vivencia o aluno em seu cotidiano. Machado (2009, p. 36) argumenta que “tratar da evasão é tratar do fracasso escolar; o que pressupõe um sujeito que não logrou êxito em sua trajetória na escola”.

Faz se necessário que tenhamos clareza quanto aos termos e conceitos sobre abandono e evasão, visto que estes demonstram a realidade vivida por esses alunos e alunas dessa modalidade de ensino e o que as relações sociais proporciona aos sujeitos da EJA, o trabalho

que segue, está voltado para as questões que envolvem o tema abandono escolar, por entender que se configura como a fuga da escola, uma vez que essa jovem mulher já se encontra com outros afazeres que não são mais os escolares, exercendo outras atividades.

Essa discrepância entre o número dos alunos matriculados e a defasagem na continuidade e conclusão dos estudos foi constatada na pesquisa, no decorrer da fase documental, quando os arquivos escolares foram analisados. Nessa direção, as autoras Kripka, Schelle, Bonotto (2015), enfatizam as possibilidades que a pesquisa documental apresenta, quando utilizada para análise de um projeto ou processo escolar, sendo que a escrituração, os relatórios podem ter muita utilidade nesse processo.

O texto acima pontua a trajetória da educação e revela o que beneficiou e o que dificultou a inserção e permanência da mulher na educação, em específico, no cenário da educação do século XXI e em delimitados contextos escolares de Mato Grosso nos cursos da EJA, com destaque para o fator dificuldade, que desencadeou a realidade do abandono aos estudos. O lugar da mulher nesse contexto, a partir das bases aqui discutidas oferecem suporte para o desenrolar das discussões a seguir.

3 PROCEDIMENTOS DO MÉTODO

Participaram da entrevista um total de dezesseis jovens mulheres, que abandonaram o ensino médio na EJA, sem terem concluído essa etapa da educação básica, escolhidas de forma aleatória, com base nos dados obtidos na secretaria das escolas lócus da pesquisa. As entrevistas foram construídas através de um questionário que atendesse aos objetivos do estudo. Para elaboração da pesquisa utilizou-se além da pesquisa bibliográfica, documental e história oral, também as entrevistas, pela possibilidade de se aprofundar em aspectos sobre determinada realidade, tais como os padrões culturais, as estruturas sociais, os processos históricos ou os laços do cotidiano Chizzotti (1991), de forma a contribuir para a compreensão das possibilidades de participação das jovens mulheres no processo, visando compreender melhor os reais motivos do abandono escolar.

Para apreensão dos dados e melhor compreensão sobre a realidade das entrevistadas, optou-se pela utilização da ferramenta história oral que, na concepção de alguns autores, nesse tipo de estudo, pode ser de grande relevância.

As fontes orais ampliam as possibilidades de informações, para além de um indivíduo acolhido, aceito ou não em meios sociais e oportunizam “incorporar não apenas indivíduos à

construção do discurso dos historiadores”, além de possibilitar entender contextos e acontecimentos antes desconhecidos (GARRIDO, 1993).

Quanto às discussões sobre os recursos da história oral na condução das investigações acerca da trajetória das entrevistadas neste documento, pode-se contar com as contribuições de Thompson (1998), que faz a seguinte afirmação sobre essa linha de trabalho da história oral.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. (THOMPSON, 1998, p. 17).

Percebe-se que, diante da necessidade de compreensão das manifestações das participantes da pesquisa, no processo de análise dos dados, tomou-se como referência Bardin (1995), que afirma:

Na análise de conteúdo dos instrumentos utilizados no decorrer da pesquisa o pesquisador lança mão do que chama de “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. (BARDIN, 1995, p. 38).

Tais informações agregadas às que se seguem, delineiam o passo a passo para a execução desta pesquisa, que tem o propósito de identificar o motivo do abandono dos estudos, pela população feminina da EJA, em determinadas unidades da escola Pública de MT, sempre amparada pelas bases teóricas afins.

Mediante história oral tem-se a oportunidade de se estar diante do fascínio do vivido, enfatizando também a experiência histórica do entrevistado, tornando o passado mais concreto (ALBERTI, 2004).

Os relatos das pessoas participantes da pesquisa nos permitiram compreender a singularidade na convivência social. Dessa maneira, foi possível encontrar a versão da história que não foi narrada pelos meios oficiais. Daí a possibilidade de descobertas, pois a história oral:

[...] nos dá a chance, ou ilusão, de surpreendermos, um pouco que seja, a impossibilidade de assistir a um filme do passado. Quando isso acontece, é porque nela encontramos a vivacidade do passado, a possibilidade de revê-lo pela experiência do entrevistado. Não é à toa que a isso muitos dão o nome de história (ou memória) viva. (ALBERTI, 2004, p. 14).

A importância de se analisar processos pessoais e informais não previstos em documentos oficiais é também enfatizada por Müller (1999, p. 23), ao justificar as estratégias metodológicas adotadas em seu trabalho de pesquisa com professoras primárias: “[...] um documento oficial, de Estado, nem sempre reflete o processo histórico da forma como ocorreu

ou, pelo menos, reflete apenas a intenção daqueles grupos que em um determinado momento histórico estavam no poder”.

Inicialmente foram selecionadas as referências teóricas, priorizando autores contemporâneos que versam sobre o tema abordado, para tal embasamento; posteriormente foram analisados documentos das jovens mulheres matriculadas na EJA constantes dos arquivos nas duas unidades escolares lócus da pesquisa entre os anos de 2012 e 2016 e que desistiram de estudar nessa etapa do ensino médio.

Ao final, de forma aleatória fez-se a seleção dos documentos das dezesseis jovens mulheres dessas duas escolas que compõem o universo da pesquisa e que desistiram da EJA. Foram então escolhidas como participantes entrevistadas, objetivando identificar variáveis qualitativas, bem como as possíveis causas do abandono escolar, que aconteceram antes de concluírem o ensino médio, modalidade escolhida do estudo.

Dessa maneira, além da técnica de história oral, estudou-se os documentos que fazem parte dos arquivos das escolas, tais como atas e fichas individuais das alunas escolhidas para a análise, mediante diálogo intenso com os pensadores que discorreram sobre as temáticas de questões de gênero e abandono escolar, com ênfase na EJA.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados obtidos com a pesquisa apontaram que entre os anos de 2012 e 2016, nas duas unidades escolares do Estado de Mato Grosso, foram matriculados na EJA, etapa ensino médio, oito mil e dois alunos, destes, dois mil setecentos e noventa e cinco abandonaram os estudos, sendo um mil quatrocentos e oitenta e seis eram mulheres. Dados colhidos no Sistema Integrado de Gestão Educacional do Estado de Mato Grosso, (SIGEDUCA-MT).

Além das informações levantadas no acervo documental das escolas pesquisadas, foram realizadas entrevistas com os gestores escolares e ex-alunas, e ainda, consultas na plataforma virtual de aprendizagem do Sistema Integrado de Gestão Educacional (SIGEDUCA). Para obtenção dos demais dados, foram analisados alguns documentos disponibilizados pelas secretarias das duas escolas, tais como: atas de resultados finais, fichas individuais dos alunos, (desde a matrícula até o abandono) no período compreendido de 2012 a 2016.

A pesquisa e a coleta de dados possibilitaram colocar em evidência informações referentes a data e ano de nascimento das jovens mulheres, telefone e endereço para posterior contato e realização das entrevistas, como parte fundamental do estudo, de maneira a dar voz a quem não se encontra mais inserida nas unidades escolares pesquisadas.

As entrevistas foram realizadas com posterior transcrição e apresentação dos dados, em forma de gráficos, de modo a possibilitar maior compressão do leitor. Contudo, na etapa inicial, houve uma grande dificuldade em localizar as jovens mulheres que desistiram da EJA, que foram selecionadas para compor o universo empírico da pesquisa, uma vez que os dados constantes nos arquivos das duas escolas se encontravam desatualizados, e dificultavam o contato com elas, para incentivá-las a retomarem os estudos. Verificou-se que muitas sequer tinham endereço fixo, que moravam de aluguel e mudavam constantemente de residência, ocorrendo o mesmo com os contatos de telefones cadastrados nas duas escolas, pois números já não eram os mesmos.

Outra dificuldade percebida foi a localização da sede de uma das escolas, que interfere na mobilidade e acesso pois se constatou que quando a escola é localizada no próprio bairro onde tais mulheres residem, os índices de abandono são menores se comparados ao abandono nas escolas localizadas no centro da cidade, conforme informações obtidas nas entrevistas. Obviamente, o fato de morar próximo às unidades escolares analisadas facilita a frequência às aulas, já que não é necessário se deslocarem para tão longe de suas moradias para assistirem a aulas. Tal fato tem registro na fala da Jasmim, uma das ex-alunas entrevistadas:

Eu trabalhava e dependia de ônibus, saía às 6 horas, chegava já era 7h20, 7 e meia. O cansaço do serviço. Escola mais perto encerrou o curso e a próxima era muito longe. Chegada dos filhos. (Entrevistada Jasmim, 2018).

Para Meksenas (1992) o abandono na EJA acontece devido a diversos fatores: necessidade do alunado lutar pelo seu sustento, em exaustiva jornada de trabalho, além de conviver com a baixa qualidade do ensino ofertado pela escola pública. Assim, muitos desistem dos estudos, sem completarem essa etapa da educação básica, conforme observado na fala de uma das entrevistadas.

Cansaço; trabalhava dia inteiro, [...] chegava em casa, ainda tinha que cuidar da casa, das crianças [...] ia pra escola e ficava cochilando, não estava conseguindo aprender quase nada. Aí abandonei a escola. (Entrevistada Petúnia, 2018).

Nesse contexto, é importante salientar que a EJA é uma proposta que exige uma reflexão diferente das outras modalidades de ensino regular, que possa atender a todos que não tiveram oportunidade de acesso à educação em seu tempo oportuno. Essas jovens mulheres apresentam uma vulnerabilidade social quase sempre vista nesta modalidade de ensino, fato que as faz abandonarem os estudos. Arroyo (2005) afirma que esses jovens e adultos são integrantes de uma mesma sociedade, com direitos a frequentarem a escola que é para todos, pois trazem em suas histórias de vida, experiências que são singulares.

A seguir traremos dois quadros resultantes das entrevistas realizadas com as participantes da pesquisa, utilizando como base as diretrizes teóricas de Bardin (1995), seguindo as etapas de análise de categorias das análises dos dados em três fases, a saber: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

As informações lançadas nos quadros foram organizadas por categorias, observando os questionamentos e as respostas obtidas por meio das entrevistas.

Quadro 1 - Principais dificuldades em sala de aula

1	Nenhuma dificuldade	Das entrevistadas, 31% responderam que não encontraram nenhuma dificuldade em sala de aula.
2	Acompanhar os conteúdos	Já 25% delas afirmaram ser a principal dificuldade encontrada em sala de aula acompanhar os conteúdos, em especial nas aulas de Matemática.
3	Falta de domínio dos professores para coibir a bagunça	Das entrevistadas, 25% também citaram a falta de domínio dos professores em coibir a bagunça dos colegas como sendo uma dificuldade.
4	Tempo em sala de aula após o trabalho	Nessa questão, 18% relataram o tempo, após o trabalho, como uma das principais dificuldades em permanecer na sala de aula, e apenas uma relatou que não saberia avaliar, pois não estava indo à escola após o nascimento do filho.

Fonte: Da pesquisa realizada (2018).

Nota-se que no quadro acima, trinta e um por cento das entrevistadas responderam que não encontraram nenhuma dificuldade em sala de aula, no entanto, sessenta e nove por cento vêm enfrentando diversas dificuldades. Outra questão de destaque nas entrevistas é que vinte e cinco por cento das entrevistadas encontram obstáculos para acompanhar determinados conteúdos em sala de aula, em especial na disciplina de Matemática. Outra questão que vem se configurando um problema foi destacado por vinte e cinco por cento das entrevistadas, que apontaram a falta de domínio dos professores em coibir a bagunça dos colegas em sala de aula. Já treze por cento relataram que estudar, após uma jornada exaustiva de trabalho, é uma das principais dificuldades em permanecer na sala de aula e apenas uma relatou que não saberia avaliar, pois não estava indo à escola após o nascimento do filho.

Observa-se também que a falta de suporte e apoio familiar para as alunas frequentarem a escola vem ocasionando o abandono escolar e tal fato remete à necessidade de instituir políticas públicas de atendimento às necessidades inerentes ao processo educativo dessas jovens, conforme o que demonstra o quadro dois:

Quadro 2 - Principais motivos do abandono escolar na EJA

1	Não tinha com quem deixar os filhos pequenos	Das entrevistadas, 32% apontaram como principal motivo para o abandono da EJA não ter com quem deixar os filhos pequenos.
2	Problema de saúde	6% disseram que por problemas de saúde não puderam continuar os estudos
3	Dificuldade em conciliar trabalho, afazeres domésticos e estudar.	31% disseram ter desistido porque não conseguiram conciliar o trabalho com os afazeres domésticos e os estudos
4	Falta de apoio e incentivo da família	25% disseram que faltou apoio e incentivo da família, inclusive em cuidar dos filhos enquanto elas estudavam.
5	Dificuldades com os professores	6% apontaram que tiveram problemas com os professores

Fonte: Da pesquisa realizada (2018).

O Quadro dois aponta que trinta e dois por cento das entrevistadas enfatizaram como principal motivo para o abandono da EJA, não ter com quem deixar os filhos pequenos; trinta e um por cento disseram ter desistido porque não conseguiram conciliar o trabalho com os afazeres domésticos e os estudos; vinte e cinco por cento disseram que faltou apoio e incentivo da família, inclusive em cuidar dos filhos enquanto elas estudavam; seis por cento apontaram dificuldades com os professores e também seis por cento, problemas de saúde, que se apresenta como uma fragilidade relativa a estrutura de saúde pública, que no caso dessas estudantes, contribuiu para que elas tiveram seu processo educativo interrompido.

Dessa forma, verificou-se que, quando se trata de mulheres, as dificuldades são inúmeras, se consideradas os diferentes tipos de atividades que exercem. Também há ausência de programas públicos e privados de apoio e incentivo, para que as alunas possam conciliar as atividades educativas com atuação no mercado de trabalho, em especial, após a maternidade, nos cuidados com os filhos.

Para ter mais clareza do estudo em questão, segue os gráficos que organiza a rotina desse abandono, registrando os fatos apresentados no texto acima, cujos traçados legitimam esta pesquisa. Informa quantos alunos se matricularam anualmente, desde 2012, até 2016. E abaixo do quadro discorreremos todo o percurso observado sobre frequência e evasão, que evidenciam os crescentes casos de abandono escolar.

Figura 1 - Alunos matriculados na EJA – Escola A

Fonte: Dados da pesquisa Escola A - 2018.

Os dados representados no gráfico um, mostram que entre os anos de 2012 e 2016, houve um número significativo de alunos matriculados na Escola “A”, localizada em Cuiabá-MT, sendo: trezentos e sessenta e três em 2012, correspondente a vinte e oito por cento do total de matrículas; duzentos e setenta e cinco em 2013, correspondente a vinte e um por cento; duzentos e setenta e quatro em 2014, correspondente a vinte e um por cento; duzentos e vinde e oito em 2015, correspondente a dezessete por cento; e cento e sessenta e sete em 2016, correspondente a treze por cento, perfazendo o total de um mil e trezentos e sete alunos, somente no curso de EJA de 2012 a 2016. O maior número de alunos matriculados, trezentos e sessenta e três, foi no ano de 2012; já o menor, cento e sessenta e sete, foi em 2016, o que se deve ao fato desse ter sido o último ano em que a esta escola ofertou a EJA.

Dando sequência aos dados, apresentamos o gráfico dois, que deixa em evidência o número de matrículas da escola B, a outra escola pesquisada.

Figura 2 - Alunos matriculados na EJA – Escola “B”

Fonte: Dados da pesquisa Escola B - 2018.

Os dados representados no gráfico dois mostram que entre os anos de 2012 e 2016 foram matriculados na Escola B, localizada no município de Várzea Grande, seis mil seiscentos e noventa e cinco alunos. Matrículas realizadas por ano: um mil, quatrocentos e trinta e nove em 2012, vinte e dois por cento; um mil, trezentos e quarenta e cinco em 2013, vinte por cento; quinhentos e sessenta e seis em 2014, oito por cento; um mil, trezentos e dois em 2015, dezoito por cento e dois mil e quarenta e três em 2016, trinta e um por cento.

Conforme se verifica nos dados apresentados no gráfico dois, o ano com maior número de matrículas na EJA nessa escola foi em 2012 e o com menor número foi em 2014.

Quanto aos alunos matriculados e os desistentes no período de 2012 a 2016, nas duas escolas analisadas, há o seguinte resultado: dos um mil trezentos e sete alunos matriculados na EJA, entre os anos de 2012 a 2016, na Escola A, apenas seiscentos e oitenta e cinco, ou cinquenta e dois por cento, concluíram o curso; já seiscentos e vinte e dois, ou quarenta e oito por cento, desistiram antes de concluir o curso da EJA, abandonando os estudos.

Quanto aos alunos da Escola B, que concluíram e os que desistiram dos estudos da EJA, os dados apresentados relativos aos matriculados entre 2012 e 2016 dessa Escola B, mostram os seguintes resultados: quatro mil quinhentos e vinte e dois alunos, ou sessenta e oito por cento, do total conseguiram concluir a EJA, enquanto que, dois mil cento e setenta e três, ou trinta e dois por cento, desistiram, ou seja, abandonaram antes da conclusão do curso.

Os dados apresentados sobre a EJA na Escola B corroboram com os dados do Censo Escolar de dois mil e dez, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mostram que um número expressivo de jovens entre dezoito e vinte e cinco anos de idade não conclui o ensino médio, e mesmo quando retornam à escola nos cursos de EJA, estes desistem antes do término do ano letivo.

Essa constatação reafirma a hipótese levantada e confirmada por Digiácomo (2005), de que o abandono é um problema crônico em todo o Brasil, sendo muitas vezes passivamente assimilada e tolerada por escolas e sistemas de ensino. Para esse mesmo autor, muitas escolas chegam a ponto de admitir a matrícula de um número mais elevado de alunos, o que equivale a constituir turmas bem maiores que o adequado, já cientes da desistência de muitos, que ocorrerá ao longo do período letivo.

Outros dados interessantes que reforçam o já constatado por outras pesquisas, a exemplo das publicadas pelo Ministério da Educação com base nos censos escolares, mostram que do total de alunos que abandonaram a EJA a maioria é do sexo feminino, dados esses confirmados na análise documental das duas escolas pesquisadas, sobre alunas mulheres que abandonaram a EJA nas Escolas A e B.

Os dados mostram que, na EJA da Escola A, entre alunos que abandonaram os estudos, cinquenta e três por cento eram mulheres, contra quarenta e sete por cento dos homens. E na Escola B, do total de dois mil, cento e setenta e dois alunos que abandonaram entre 2012 e 2016. Nada menos que um mil, cento e cinquenta e sete, ou cinquenta e três por cento também eram do sexo feminino. Então conclui-se que o grande percentual de abandono escolar é formado por mulheres. Fato observado nas duas escolas pesquisadas. Desistência que atinge cinquenta e três por cento das mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo estabelece reflexão acerca do tema abandono escolar na Educação de Jovens e Adultos, o que nos permitiu perceber que essa modalidade de ensino carece de atenção, no que diz respeito ao atendimento e permanência escolar. O que apontou os dados observados quanto ao abandono escolar na modalidade de ensino EJA nas duas escolas da rede pública de ensino de Mato Grosso, observou-se os altos índices de abandono por esses alunos da EJA e ao longo do estudo, constatou-se uma quantidade significativa de alunas matriculadas, com idades entre dezoito e vinte e cinco anos, não haviam conseguido concluir essa etapa da educação básica.

Portanto, são vários os fatores que contribuem para o abandono escolar, dentre esses a maternidade e suas consequências, apontada por diversos pensadores, como uma de suas principais causas. Contudo, fatores culturais, econômicos e sociais também podem somar esse cenário de abandono.

As análises advindas da pesquisa apontam para a necessidade de as escolas adaptarem os programas, currículos, horários e estrutura das instituições de ensino, de modo que os alunos trabalhadores consigam cursar as modalidades de ensino que buscam e consequentemente, consigam superar as dificuldades encontradas, pois a aplicação das leis educacionais e normas internas das unidades escolares pesquisadas precisam estar em consonância com a realidade dos alunos da EJA.

Outra questão relevante é a formação dos professores e dos demais profissionais da escola. Tal iniciativa precisa contemplar as peculiaridades deste segmento educativo, principalmente quanto à inclusão de propostas específicas para a modalidade de ensino no Projeto Político Pedagógico para a EJA.

Portanto, para atenuar a realidade das mulheres que abandonam a escola, sugere-se proposições de melhorias para a EJA, por parte dos gestores das escolas públicas de Mato Grosso, a fim de contribuir para a redução de tal abandono. E as justificativas para tais proposições partiriam da investigação da história oral que subsidia as narrativas das mulheres entrevistadas.

Assim, conclui-se que a mediação, o apoio familiar, bem como a intervenção do poder público por meio de políticas públicas educacionais direcionadas às mulheres e à EJA são imprescindíveis para que essas jovens mulheres façam suas matrículas na educação básica e concluam com êxito, principalmente no momento em que a jovem mulher decide pela continuidade dos estudos, visto que a escola ainda é uma das fontes de conhecimento que possibilita ao ser humano ter uma educação formal e consequentemente, um melhor desempenho na vida e no trabalho.

Assim, espera-se que os resultados obtidos neste estudo possam apresentar proposições ainda não contempladas, que são as necessidades de melhorias para a EJA, a fim de contribuir para a redução do abandono escolar da educação básica, na modalidade de ensino em questão, afinal ela é de fundamental importância para jovens mulheres que, por diversos motivos, não conseguiram fazer esse percurso e finalizar a educação básica.

Nesse sentido, este estudo poderá contribuir com elementos de reflexão para as escolas participantes da pesquisa, bem como para estudantes e profissionais da EJA, que possam apontar caminhos e compreender as especificidades dessa modalidade educativa, entendendo-se que as jovens mulheres não só têm o direito de ingressarem na escola, como também de permanecerem e concluírem o ensino nessa etapa da educação básica, com uma aprendizagem satisfatória que sirva para si e para sua vida.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARROYO, Miguel. **Educação de jovens-adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. LDB. Lei 9394/96 - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/>. Acesso em: 3 ago. 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Censo Escolar da Educação de Jovens e Adultos, Brasília**: Ministério da Educação e Cultura. 2006.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB, nº 23/2008**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos, desenvolvida por meio da Educação a Distância. Ministério da Educação e Cultura (MEC), 2008.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DIGIÁCOMO, Murilo José. **Evasão escolar**: não basta só comunicar e depois lavar as mãos. 2005. Disponível em: www.mp.mg.gov.br. Acesso em: 15 nov. 2019.

DI PIERRO, Maria Clara. **Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil**. *Educação e Sociedade*, v. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial – out. 2005.

FERREIRA, Andréa Tereza Brito. Ler e escrever são também uma questão de gênero. In: LEAL. **Desafios da educação de jovens e adultos**: construindo práticas de alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**, um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GARRIDO, Loan Del Alcazari. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set192-ago/93, p. 33.

IDEB. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. **Formação em Ação**, 2012. Disponível em: Acesso em: 22 maio 2016.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Informe estatístico do MEC revela melhoria do rendimento escolar, 1998**. Acesso em: 22 maio 2018.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones UNAD**, n. 14, Número 2, Julio-Diciembre. Bogotá, Colômbia, 2015.

LDB 9.394.96; **Parecer CNE/CEB N°11/2000**; Resolução CNE/CEB N°01/2000; Plano Nacional de Educação (Lei 10.172/01); Plano de Desenvolvimento da Educação e em compromissos e acordos internacionais.

MACHADO, Márcia Rodrigues. **A evasão nos cursos de agropecuária e informática/nível técnico da Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes (MG, 2002 a 2006)**. 2009. 131 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da UNB, Brasília, DF, 2009.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação**: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. São Paulo: Cortez, 1992.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. **As Construtoras da Nação**: Professoras Primárias na Primeira República. Niterói, RJ: Intertexto, 1999.

PARECER CNE/CEB nº 11. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Ministério da Educação e Cultura - MEC 2000.

PAIVA, Jane. **Direito à educação de jovens e adultos**: concepções e sentidos. In: 9ANPED, 2006. Anais... Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT18-2553--Int.pdf>. Acesso em: 24 set. 2019.

PELISSARI, Allan Libânio. **O fetiche da tecnologia e o abandono escolar na visão de jovens que procuram a educação profissional técnica de nível médio**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

RIFFEL, Sonia Marmol; MALACARNE, Vilmar. **Evasão escolar no ensino médio**: o caso do Colégio Estadual Santo Agostinho no município de Palotina, PR, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. Mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAUNER, Nelita Ferraz de Mello. **Alfabetização de adultos**. Curitiba: Juruá, 2002.

SAWAIA, Bader. (org.) **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2008.

SIGEDUCA. Disponível em: <<http://sigeduca.seduc.mt.gov.br/geral/documento/manual%20sig-educa.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2018.

STEIMBACH Allan Andrei. **Juventude, escola e trabalho**: razões de permanência e do abandono no curso técnico em agropecuária integrado, 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1998.